

.....
La République du Couanani

Ouro ou la couleur

N

o Arouague, no sul da Guiana, o antigo sonho do ouro, que havia perseguido os guianenses desde os primeiros tempos, obcecando alguns, como os dois governadores D'Orvilliers, atingia o comerciante e funcionário local, Félix Coüy. Ele interessou um brasileiro, Manuel Vicente. Este foi buscar no Pará patrocínio e a ajuda de um comerciante português, Jardim de Lisboa. Finalmente surgiu o personagem decisivo: Paulino, um dos empregados de Lisboa que havia trabalhado em Ouro Preto.²⁴⁶

Bateia à mão, Paulino subiu o Arouague, depois o Arataye, até o riacho Aïcoupaïe, onde, em 1854, descobriu o primeiro ponto economicamente interessante. No ano seguinte ele mostrou as primeiras 60 gramas de ouro que encontrou a um antigo cônsul da França no Pará Prosper Chaton. Este levou-o de volta a Coüy.²⁴⁷ Em pouco tempo instalava-se a febre. Todos buscavam *la couleur*, o ouro.

A situação econômica da Guiana, que nunca fora boa, era péssima desde a abolição da escravatura, em 1848, por Napoleão III.²⁴⁸ Foi anarquicamente, sem ter quem bancasse grandes investimentos, que começou a exploração. Só aos poucos começaram a surgir as primeiras companhias com investimento europeu. Começaram também as primeiras imigrações de hindus, já presentes na Guiana Inglesa.²⁴⁹ Só na década de 1860 a situação se reverte, começam os *placers* (o nome espanhol *placer*,

Les Nouvelles de France et des Colonies, Journal Officiel de la République " La Guianne Independante " era o órgão de propaganda da aventura de Jules Gros, Jean-Ferréol Guigues e Paul Quartier, como se pode ver, Coudreau mantinha relações com Gros, mas era também ligado aos brasileiros da região; no exemplar de La France Equinoxiale, seu livro fundamental para o conhecimento da região, existente na Biblioteca Histórica do Itamarati, entre as inúmeras anotações é próprio punho do barão do Rio Branco, uma cópia Trajane Benito, grafado por Coudreau, para Trajano Benites; neste trecho Coudreau afirmava que em 1883 Trajano lhe pedira: volte entre nós com funcionários franceses



para os locais onde o ouro aparece em meio à areia ou ao cascalho, se institucionalizara na corrida do ouro do extremo-oeste americano e foi transposto para as Guianas) verdadeiramente rentáveis e começa a entrar muito dinheiro em Caiena.

Félix Coüy foi assassinado em 1863 por um brasileiro, um Paiva, logo condenado à morte e executado²⁵⁰. Paulino continuou algum tempo como o personagem decisivo na busca do ouro. Mas logo foi substituído por pessoas com maior experiência e conhecimentos técnicos. Com a época das empresas não se tem mais notícias suas.

A criação das capitânias

A busca do ouro se concentrava no Arouague, mas se estendia aos rios próximos. Era a serra que continha o ouro. Muitos garimpeiros se instalaram no território contestado.

Prosper Chaton desde 1858 fizera renascer a localidade de Cunani, tornando-a uma base para garimpeiros. Aí criou um sistema de capitania, constituído por um primeiro e um segundo capitães e um brigadeiro. Esta instituição se estendeu à pequena Amapá. Os capitães falavam em nome dos habitantes e tentavam solucionar os seus problemas. Nenhum deles tinha, no entanto, *autoridade positiva*²⁵¹, isto é, não havia uma formalização da estrutura de governo. Esta autoridade se esperava que viesse do governo francês, que, entretanto, não a exercia, nem podia exercer, em razão do estado de neutralidade do território.

Em 23 de outubro de 1886, ou talvez um pouco antes (em agosto de 1886 segundo Coudreau), o então capitão de Cunani, Trajano Benítez — que três anos antes pedira a Coudreau, que visitava Cunani, que voltasse trazendo consigo funcionários franceses —, proclamou:



Moeda da République de la Guyanne Indépendante; Jules Gros operou, na Europa, uma imagem de nação independente, levada pouco a sério pela imprensa internacional; mas havia, pelo menos, uma base de realidade na adesão de homens como Trajano Benítez e Eugène Voissien

Eu Trajano, Capitão Chefe do rio Cunani, Chefe da Capitania da Guiana Independente, em nome e delegado pelos principais negociantes e pela maioria dos habitantes declaro o que se segue:

1) Organizar no nosso país um governo que será República e reconhecido depois pelas duas potências, a França e o Brasil.

2) O governo em questão já tendo sido declarado e proclamado em mais de 10 reuniões públicas as quais assistiu o Sr. Guigues, explorador. Segue-se que queremos:

a) nos reger pelas leis francesas, quer dizer que adotamos o código francês como legislação de nosso país

b) que a língua francesa seja a língua governamental

c) ... nosso presidente, o Sr. Jules Gros...

Nossa república tendo sido declarada... pedimos a proteção dos Estados vizinhos.

Viva a França

Viva a República da Guiana independente... ²⁵²

Jules Gros era um escritor e geógrafo que vivia em Vanves, uma pequena cidade ao sul de Paris. Instalando-se com um aparato caricato, Gros dedicou-se a encontrar apoio político mas, sobretudo, financeiro. Nomeou um Ministério, com Jean-Féréol Guigues como presidente do Conselho e Paul Quartier como ministro de Obras Públicas. Instituiu títulos honoríficos, muito valorizados nesta época, e abertamente vendidos. Emitiu moeda e notas de 25, 50, 100 e 500 francos. Editou um diário oficial, *Les Nouvelles de France et des Colonies, Journal Officiel de la République "La Guyane Indépendante"*. Criou as armas e a bandeira do Cunani.²⁵³ Se expôs ao ridículo. Mas finalmente os governos francês e brasileiro se moveram, e teriam impedido que chegasse ao território contestado — embora o governador em Caiena recebesse uma delegação de representantes distritais do Cunani.²⁵⁴